

Devedores buscam uma solução para dívida

Andrei Meirelles

Está chegando a hora da verdade na questão da dívida externa brasileira: nos Estados Unidos, autoridades econômicas, lideradas pelo ministro Dilson Funaro, e até políticos brasileiros, tentam sensibilizar os credores para uma renegociação mais favorável ao Brasil. No país, o presidente José Sarney discute a questão em encontro com os presidentes da Argentina, Raul Alfonsín, e do Uruguai, Julio Sanguinetti. O movimento sindical brasileiro une-se pela primeira vez e realiza uma greve geral que tem como um de seus principais objetivos suspender o pagamento da dívida externa.

A movimentação brasileira corresponde a uma reticulação entre os credores. O FMI faz, amanhã, uma avaliação do desempenho econômico do Brasil, moderando em um segundo documento as críticas feitas anteriormente ao Plano Cruzado. Essa moderação deve-se ao Cruzado II, que atendeu a algumas reclamações dos credores e de seus fiscais, como o próprio FMI. As conclusões do Fundo Monetário Internacional serão enviadas tanto ao Clube de Paris (credores oficiais) quanto aos banqueiros particulares e servirão como subsídios nas conversas e negociações com os representantes do Brasil.

Todas as informações provenientes de correspondentes brasileiros e agências internacionais de notícias indicam que os credores estão preocupados e buscam uma posição comum diante das propostas do Brasil. A economista Maria da Conceição Tavares, consultora do governo brasileiro e integrante da Executiva Nacional do PMDB, que retornou na semana passada de uma viagem aos Estados Unidos, não

pensa assim.

Na avaliação feita para a cúpula do PMDB e, depois, para a imprensa, Maria da Conceição traçou um quadro de confusão e desarticulação do FMI e dos banqueiros americanos, que estariam em dificuldades com seus próprios problemas e sem condições, portanto, de se apresentarem unidos contra as pretensões brasileiras. O ministro Funaro, que desde quinta-feira percorre esse circuito, já dispõe, agora, da confirmação ou não das impressões transmitidas por Maria da Conceição.

Na América Latina, diversos países ameaçam há algum tempo endurecer com seus credores, mas o único a tomar uma atitude concreta foi o presidente do Peru, Alan García. Pelo tamanho da dívida e a dimensão da economia peruana, a repercussão foi exclusivamente política. Se o Brasil seguir caminho semelhante, a coisa muda de figura: tem reflexos políticos e Terceiro Mundo como também nos países desenvolvidos.

Nesta semana, a dívida externa constará do cardápio das reuniões entre os presidentes do Brasil, da Argentina e do Uruguai. As tentativas feitas de uma ação conjunta entre esses países e os demais da América Latina ficaram até o momento no terreno das intenções. Um eventual confronto do Brasil com os credores — hipótese prevista pela direção nacional do PMDB — repercutirá imediatamente na Argentina e no Uruguai, países em processo de redemocratização, que também estão sufocados com o problema da dívida externa.

Trata-se, portanto, de uma semana decisiva. No dia 15 de dezembro — na próxima segunda-feira —, o Clube de Paris examinará concretamente as propostas brasileiras.